



Leonardo Siviotti

JOHN LENNON/PLASTIC ONO BAND

Inspirado pelo álbum homônimo de **JOHN LENNON**



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

mojo
BOOKS

JOHN LENNON/PLASTIC ONO BAND

LEONARDO SIVIOTTI
uma história inspirada por
JOHN LENNON/PLASTIC ONO BAND
JOHN LENNON

SÃO PAULO, JUNHO DE 2009
1ª Edição

COPYRIGHT © 2009 BY LEONARDO SIVIOTTI
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOKS.COM.BR

JOHN LENNON/PLASTIC ONO BAND

LEONARDO SIVIOTTI

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E LUIZ GUILHERME COUTO PEREIRA**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **MOJO FACTORY**

CAPA: **MOJO FACTORY**

JOHN LENNON/
PLASTIC ONO BAND



**PLAYLIST ORIGINAL
DO ÁLBUM**

1. Mother
2. Hold On
3. I Found Out
4. Working Class Hero
5. Isolation
6. Remember
7. Love
8. Well Well Well
9. Look at Me
10. God
11. My Mummy's Dead
12. Power to the People
13. Do the Oz

**JOHN LENNON/PLASTIC ONO
BAND**

JOHN LENNON

LANÇAMENTO: **1970**

SELO: **CAPITOL**



JOHN LENNON/PLASTIC ONO BAND

LEONARDO SIVIOTTI

Um garoto de onze anos vestindo um terno escuro, calçando sapatos e correndo pelas ruas de um bairro do subúrbio carioca é uma imagem rara em qualquer época, inclusive em meados da década de setenta, como era o caso. A cena, incomum, tinha poucas testemunhas, pois a maioria das pessoas não se atrevia a sair de casa debaixo daquela chuva. Os poucos que o viram correr pensaram tratar-se de alguém fugindo do temporal cada vez mais forte. Mas não era a chuva a responsável pela sua inquietação.

O menino percebeu que seria mais prático correr pelo asfalto, evitando os buracos e desníveis de piso das calçadas ocultos pela água que podiam provocar sua queda. Vez ou outra precisou desviar de algum carro vindo em sua direção espalhando água para os lados. Nada que o assustasse. Nada que o abalasse em seu desejo de estar cada vez mais longe.

Sem ter uma boa condição física, desacostumado a fazer exercícios, posicionou-se embaixo de uma árvore afim de recuperar o fôlego após pouco mais de cinco minutos de corrida. Ofegante, com as mãos nos joelhos, sentia doer os pés e os músculos das pernas. A roupa, comprada na véspera, estava encharcada. Podia imaginar a fúria dos familiares quando o vissem naquele estado.

Percebeu alguém se aproximar; um homem grande e magro. Segurava os óculos numa das mãos e também procurou abrigo sob a árvore.

— Posso me esconder aqui até a chuva diminuir? — perguntou com simpatia, já se posicionado ao lado do garoto sem esperar uma resposta.

Seu jovem companheiro de abrigo concordou com um aceno, embora tenha deixado transparecer em seu rosto um certo incômodo por ter de dividir o espaço.

— Meu nome é Paulo. E o seu?

— João — o garoto respondeu num tom austero.

— Você não teria um pano seco qualquer, João? Para eu passar nas lentes dos óculos?

— Não.

— Claro que não tem. Nesse estado, na melhor das hipóteses, teria um pano encharcado. — sorriu para o garoto. — Quando precisar usar óculos deve andar sempre com um pano desses. Na verdade, o melhor é um papel toalha ou higiênico, embaça menos a lente do que o pano. Mas não tinha esperanças de encontrar um papel seco em seus bolsos.

João ouviu o homem e não lhe deu muita atenção. Ainda se recuperava da corrida. Queria descansar, mas sentar aos pés da árvore e sujar a roupa nova estava fora de cogitação.

— A miopia é um saco. Perde-se os detalhes de tudo. É como ler uma revista em quadrinhos toda borrada. Graças aos óculos posso ler a mesma história que todo mundo, enxergar o que realmente está lá e não só o que o alcance da minha visão débil permite. Você gosta de quadrinhos?

— Não.

— Não? Quando tinha a sua idade, adorava. Pena que só comprava uma

por mês. Era o que dava para conseguir com o dinheiro da mesada, aos menos enquanto a recebi, porque um dia fiz algo ruim e nunca mais me deram dinheiro. Sabe o que poderia ter feito e não fiz? Amigos. Se tivesse mais amigos teria sempre com quem pegar revistas emprestadas. Poderia emprestar as minhas e pegar as deles, como numa sociedade. Teria lido umas dez revistas por mês. Continuaría a ler mesmo após a perda da mesada, pois já teria a amizade deles e não se negariam a me emprestar. Mas como fui sempre sozinho, covarde em meu canto, nunca li nem metade das revistas que desejei ler. É isso que acontece com quem não tem iniciativa e passa a vida toda enfiado em buracos.

Finalmente o homem havia prendido a atenção de João. O jovem ouvia com atenção suas palavras. O estranho com quem dividia o abrigo da chuva parecia ainda mais estranho por ser extremamente sincero. Não tinha o hábito de conviver com pessoas assim. Nenhum conhecido seu costumava falar muito de si. Menos ainda reconhecer defeitos e erros próprios. Seus familiares estavam sempre preocupados com a vida dos outros, a última novidade surgida na casa do vizinho, a fofoca que acabava de estourar no bairro.

— E o que você fez de errado? — perguntou o garoto após alguns segundos de silêncio.

— Como?

— Para perder a mesada. Disse que fiz algo ruim e não lhe deram mais dinheiro.

O homem havia limpado as lentes dos óculos na própria camisa molhada. Embora um pouco borradas pela umidade, enxergava com alguma nitidez.

— Decepcionei meus familiares. Tomei uma atitude e eles não gostaram.

Não que eu tenha cometido um erro. Não foi certo nem errado, simplesmente aconteceu. Eu era só um menino. Como puderam acusar e punir um garoto daquela forma?

O homem ficou claramente abatido. João percebeu o desânimo e não insistiu no assunto. Sentiu culpa e arrependimento por ter feito a pergunta. Viu o homem enrugar o rosto como se fosse chorar. Tentou enxergar os olhos do sujeito, mas havia os óculos para escondê-los e obstruir um contato mais preciso.

— Qual era o seu personagem preferido nos quadrinhos? — perguntou João, mudando estrategicamente de assunto.

— Batman, com certeza. Quando tinha a sua idade não confiava em ninguém além dele.

— É o meu também! — o garoto exclamou surpreso.

— Estou louco ou você disse que não gostava de quadrinhos há poucos minutos? — perguntou o homem, com uma agressividade oculta até então.

— Menti — admitiu o garoto, envergonhado. — Gosto muito de quadrinhos.

— Eu sabia que estava mentindo. Por que age assim?

— Por que nunca te vi antes. Não te conheço. Você é um estranho.

O homem cruzou os braços.

— Você mente para todos que não conhece? Espera fazer amizades assim? Não tem muitos amigos, não é? Passa as tardes sozinho quando poderia estar com outras crianças da sua idade. É bom ficar sozinho? Aposto que acha não ter culpa nenhuma nisso. Acredita mesmo ser um azarado pelo destino, marcado

para viver sozinho? Faz algum esforço para mudar essa situação?

João nada disse. Franziu a testa buscando compreensão no amargurado discurso de seu interlocutor.

— Aprendeu a ser assim com seus pais. Sei que é difícil para você entender o que vou dizer agora, mas escute: só porque são seus pais não quer dizer que eles estão certos. Não é porque fazem algo achando que é o melhor para você que é realmente o melhor. Às vezes, a intenção deles pode até ser boa, contudo, os resultados costumam ser desastrosos. Não sabem o que é o melhor, apenas pensam quem sabem. Aliás, como todo mundo. Nisso eles são como a maioria.

O garoto olhou assustado para o homem. Este descruzou os braços e, entusiasmado, passou a gesticular sem perceber, enquanto continuou a falar:

— Tentarão enfiar milhares de idéias pré-concebidas na sua cabeça. Não só seus familiares, mas todas as pessoas que se aproximarem de você. Precisa distinguir quem vai te ajudar e quem vai te atrapalhar, entendeu? Muitos tentarão se aproveitar, irão enganá-lo se não estiver esperto. Se continuar mentindo gratuitamente estará agindo como essas pessoas. Será um deles. Você quer ser um deles, João?

Ao caminhar na direção do garoto, o homem fez com que João desse três passos para longe da árvore, colocando-se embaixo da chuva.

— Não chega perto de mim, maluco! — gritou o menino.

— Desculpe. Venha para cá, saia da chuva. — pediu o homem, recuperando um aparente controle.

— Quem você pensa que é para falar comigo desse jeito? Você não é meu pai!

O homem riu e disse ironicamente:

— Graças a Deus. Era só o que me faltava: ser um desgraçado que ignorou completamente o filho!

João arregalou os olhos.

— Por que diz isso?

— Conheço o seu pai. Conheço a sua família. Por isso estou tentando te ajudar. Porque realmente precisa de ajuda se não quiser se tornar alguém problemático. Agora saia da chuva. Você não é idiota.

Correu até João e, descontrolado, o puxou pelo braço.

— Vem!

— Me solta!

— Eu quero te ajudar. Pare de agir como um idiota. Vem!

Enquanto tentava se desvencilhar do homem, João acertou-lhe um tapa acidental no rosto e derrubou seus óculos no chão. O sujeito o soltou, e o garoto, sentindo-se culpado ao ver o homem desorientado, abaixou-se e o ajudou na procura do objeto essencial para a sua visão.

Rapidamente João encontrou a armação dos óculos na lama formada nas proximidades da árvore. Percebeu que estavam incompletos: as duas lentes tinham se soltado da armação, que estava ligeiramente torta. O garoto ficou surpreso com sua força e não pensou que, talvez, os óculos é que estivessem frágeis e desgastados pelo tempo de uso.

— Desculpe — disse, e entregou o objeto ao homem antes de abaixar-se e voltar a procurar. — Faltam as duas lentes.

Retornando para abaixo da árvore, o homem riu enquanto segurava o que restou dos óculos.

— Venha aqui. Esqueça as lentes e saia da chuva. — sugeriu, e depois olhou para o objeto em suas mãos. — Essa é a primeira e única armação que usei na vida. Está comigo desde os dezoito anos, quando passei a utilizá-la.

Cansado e assustado, João ignorou o homem e continuou agachado na chuva.

— Vai ficar aí? Você é estúpido?

— Não tenho medo da água. Vim de longe embaixo dela e não me assustei. Além disso, já estou molhado mesmo.

— Então fique. Mas as pessoas vão passar caminhando com seus guarda-chuvas e, ao te ver, pensarão: “Que garoto idiota!”

— Não ligo para o que elas pensam.

— Gostaria que isso fosse verdade, mas não é. Você faz tudo para agradá-las, conseguir aprovação. Esta roupa ridícula que está usando; aposto que te forçaram a vesti-la.

A água da chuva entrava pelo sapato novo de João. Suas roupas, encharcadas, pesavam além do normal.

— Gastaram um dinheiro absurdo para comprar essas roupas. São uns burros! — ele desabafou. — Promete não falar mais da minha família? Prometa, e irei para baixo da árvore.

O homem bufou resignado.

— Tá bom. Prometo. Você ainda não os conhece como eu.

O garoto retornou para baixo da árvore, mantendo a maior distância possível do homem sem ficar fora da área coberta. Apesar de estranhar boa parte do discurso do sujeito, sentia por ele uma estranha identificação.

— Vai a alguma festa vestido assim? — perguntou o homem, pouco de depois de guardar os óculos sem lentes no bolso da camisa.

João abaixou a cabeça, mirando seus pés. Lembrou que jamais calçara um par de sapatos até aquele dia. Desanimado, falou:

— Venho de um cemitério. Do enterro de minha mãe.

O homem sacudiu devagar a cabeça seguidas vezes, para cima e para baixo como se dissesse “sim”, “sim”, “sim”. Fechou os olhos por um breve momento. Qualquer traço de humor em seu comportamento havia sumido.

— E por que está aqui, afastado do cemitério?

— A cerimônia foi interrompida. O enterro foi adiado até que a chuva diminuísse. Corri de lá assim que pude, quando ninguém me observava. Estava me sentindo muito mal, enjoado, com nojo.

— Nojo? De quê?

— Deles. Todos eles. Eles olhavam para mim com raiva, me cobrando, exigindo ...

— Lágrimas! — o homem completou. — Eles exigiam lágrimas pela morte de mamãe.

— E eu não tinha lágrimas em meus olhos. Tentei e não consegui. Juro que quis chorar. Mas falhei e eles ...

— Irão tratar-me como um estranho desde então. Tirarão tudo aquilo que considerarem regalia. Terei dias terríveis pela frente, anos de convivência hostil. Enquanto me sentir culpado e procurar fazer de tudo para agradá-los...

— Eles continuamente me maltratarão, me diminuirão. Nunca estarei em igualdade de condições com outros da minha idade, nunca. Sempre me

esconderei. Crescerei cercado de ódio. Sentindo-me insignificante. Porque ...

— Hoje não chorei. Porque gastaram dinheiro numa roupa nova especialmente para a ocasião...

— Uma roupa que não pedi, não quis...

— E não derramei uma maldita lágrima sequer. Foi aqui que começou, neste dia. Lembro-me muito bem. Quantas vezes mais esse episódio virá à tona ao longo da minha vida?

— O quanto será doloroso rememorar essa data novamente? O quando dói agora, João Paulo?

— Dói demais! Só você sabe como. Sou o único com essas lembranças. E mais ninguém carrega isso. É uma dor minha. Um sentimento que aparece bruscamente e me deixa sempre com essa vontade de ...

— Chorar! Mas não consigo. As lágrimas não saem nunca. Por isso vim aqui, doutor. Quero chorar de novo. Você me perguntou sobre a última vez em que chorei. Eu não lembro. Mas recordo da primeira vez em que não chorei. Foi naquela tarde chuvosa, há vinte e dois anos.

— Hoje! — ele gritou o mais alto que pode. Tão forte que assustou as pessoas na sala de espera.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br